

EXPEDIÇÃO PÉ NA ESTRADA

UMA VIAGEM DE MOTORHOME 4

Janeiro de 2019



EXPEDIÇÃO PÉ NA ESTRADA

UMA VIAGEM DE MOTORHOME 4

Passar a noite em Cambará do Sul não foi ocasional. Nossos interesses eram rever o Parque Nacional de Aparados da Serra, onde havíamos estado há alguns anos com nossos filhos já moços e minha mãe. Agora seria diferente, eu pensei, porque fazer o passeio com dois netos de 9 e 5 anos exigiria muito mais atenção.

Minha lembrança sobre o parque era a de passegarmos por um extenso platô, em sua porção topograficamente mais alta, e de lá, sem qualquer barreira, nem mesmo uma simples cerquinha de madeira, olhar para os profundos vales em garganta, sentir a sensação de plena vastidão, recebendo um vento forte no rosto. A minha memória registrou uma paisagem como esta que está abaixo extraída, agora, do site <http://www.guiaaparadosdaserra.com.br/informe-se/5/trilha-do-rio-do-boi> e que corresponde à trilha do Rio do Boi.



Segurar duas crianças num ambiente destes não seria fácil, não é mesmo?

Não sei o que ocorreu, se entramos por parte diferente do parque, se é que há mais de um acesso, ou se tudo se modificou muito, mas o que tivemos foi uma visita comportada, por caminhos já bem organizados, a partir dos quais tínhamos acesso a pequenos mirantes, nos quais sempre havia muita gente e de onde podíamos olhar rapidamente para os enormes vales e admirar as cachoeiras, sempre muito altas, sem demorar demais, porque havia um fila de gente querendo alcançar a melhor posição para uma boa fotografia.

O caminho entre Cambará do Sul e o parque não pôde ser feita pelo motorhome, porque a estrada não era pavimentada. Essa foi a explicação dada pelo Sr. Odair que dirigia nosso veículo, mas depois vimos que era até uma rodovia de terra bem razoável. Enfim, lá fomos nós adquirir um pacote extra, que incluía veículo e guia. Este era nada mais, nada menos, do que um simpático jovem, sobrinho do dono do hotel fazenda onde havíamos passado a noite. Ele dirigia o carro do tio e muito pouco sabia sobre o parque. A conversa pelo caminho foi sobre política nacional. Ao contrário da maior parte das pessoas com quem encontramos nessa

APARADOS DA SERRA

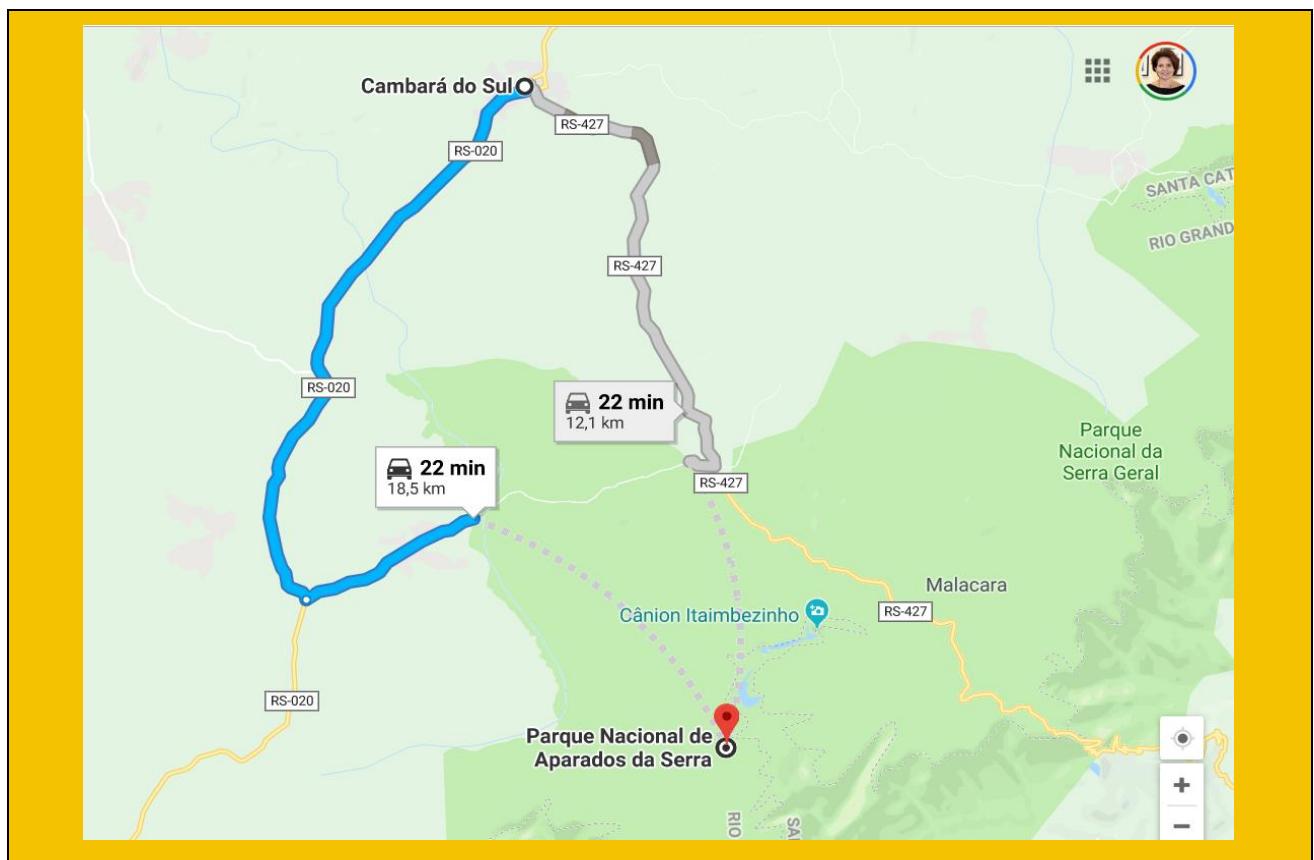


viagem, ele foi eleitor do Haddad. Sua mãe é professora e ele reconhecia a importância das universidades públicas criadas pelos governos Lula, ainda que estudasse Direito numa faculdade particular, localizada em Caxias do Sul para onde viajava três vezes por semana para assistir aulas à noite. Acessei o Google Maps, pelo smartphone, e constatei que são 130 e poucos quilômetros por uma estrada cheia de curvas!

O papo foi bom, mas a cada vez que perguntávamos alguma coisa sobre o parque e a reserva, ele dizia que, quando chegássemos lá, explicaria tudo direitinho. Memorizei o ‘direitinho’, porque ele a enfatizava, a cada vez que postergava a concessão de uma explicação ou informação.

Chegamos! No entanto e apesar do ‘direitinho’, nada do prometido, durante a viagem, ocorreu: ele deu uma explicaçõozinha meia boca, andou um pouquinho com a gente e, em seguida, informou que nos esperaria em dado ponto dentro de 30 minutos. Em outras palavras, sugeriu que fôssemos rápidos.

Voltei a confirmar minha tese de que o Brasil é mal preparado para o turismo. O tal passeio custou relativamente caro: 250 reais pelo transporte e pelo suposto guia e ficou nisso, porque a entrada ao parque foi gratuita, uma vez que estão em processo de licitação para exploração dele pela iniciativa privada. Sem dúvida se trata de um patrimônio natural de grande valia e, embora o parque estivesse até razoavelmente bem preparado para receber os turistas em termos de caminhos e acessos, foi impressionante a falta de informações gerais sobre tudo que lá havia – altura das principais quedas d’água, profundidade dos cânions, idade geológica da área, principais espécies da flora e da fauna etc. etc. etc. Exceto o grande mapa que havia na entrada do parque, o qual fotografei e reproduzo depois do mapa do Google, pouco pude entender, em termos de saber qual percurso estávamos fazendo entre os muito possíveis no mapa ilustrativo. Agora nem sei informar você, leitor, se fiz o trajeto pela RS-427 ou RS-020 para chegar a Aparados da Serra. Paciência! Senti saudades de um Guia Michelin, do qual muitas vezes reclamei, pelo excesso de informações históricas e de outras naturezas.



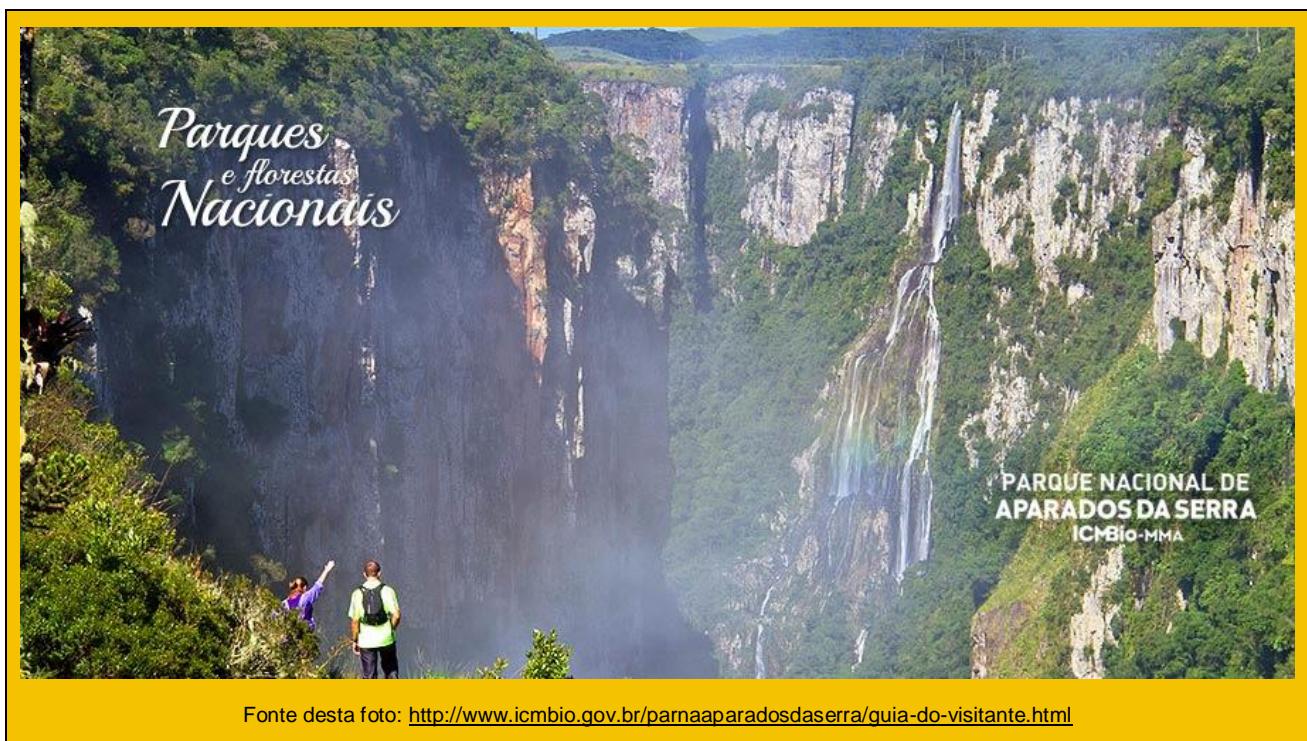
Agora, fazendo esse registro, me ressinto de não ter lido mais sobre o parque, antes da visita, porque poderia ter escolhido melhor o percurso a ser feito ou avaliar o que priorizar. De todo modo, para quem estava com duas crianças, sem querer, acertamos ao fazer um trajeto mais comportado.

Também não sei bem se a explicação dada pelo “guia” de que a entrada era livre, porque estava em curso uma licitação para passar a sua exploração à iniciativa privada estava correta, porque o mapa contido na entrada, como se vê, é do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Fiquei curiosa ao encontrar Chico Mendes no Rio Grande do Sul, já que sempre vamos associá-lo à Amazônia, mas visitando, depois, o site da instituição encontrei a descrição que se segue e entendi que não se trata de uma OnG ou Organização Social e que a licitação, se estiver em curso, será mesmo para levar a responsabilidade para a iniciativa privada, com seus ônus e bônus.

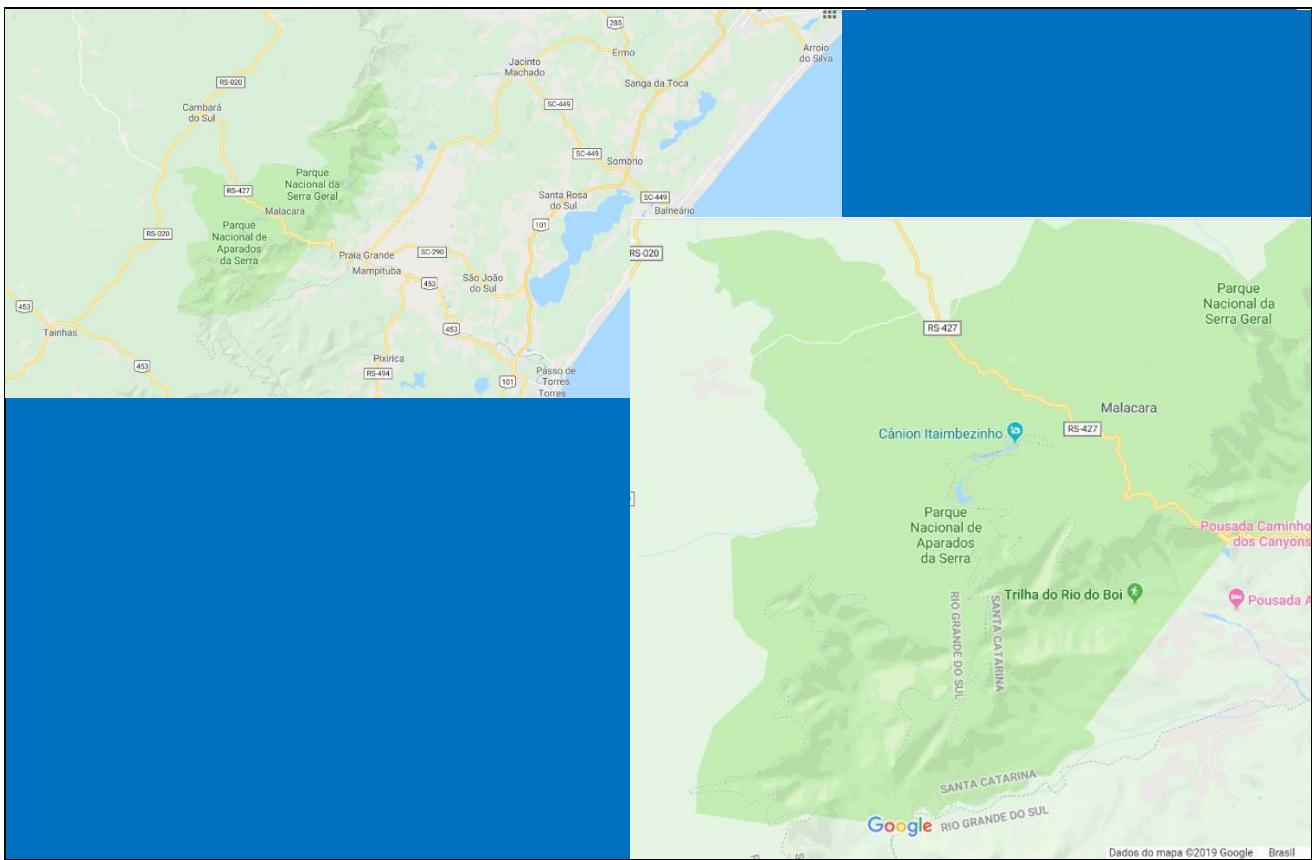
O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é uma autarquia, isto é, um órgão da Administração Pública com o poder de auto-administração, nos limites estabelecidos em lei que a cria. O ICMBio foi criado pela Lei 11.516, de 28 de agosto de 2007, sendo vinculado ao Ministério do Meio Ambiente como parte do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama). A principal missão institucional do ICMBio é proteger o patrimônio natural e promover o desenvolvimento socioambiental através da administração das Unidades de Conservação (UCs) federais. Nesta atribuição se incluem as competências para apresentar e editar normas e padrões de gestão; propor a criação, regularização fundiária e gestão de UCs; e apoiar a implementação do Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC). (fonte: <https://www.oeco.org.br/dicionario-ambiental/27802-pra-que-serves-o-instituto-chico-mendes/>)

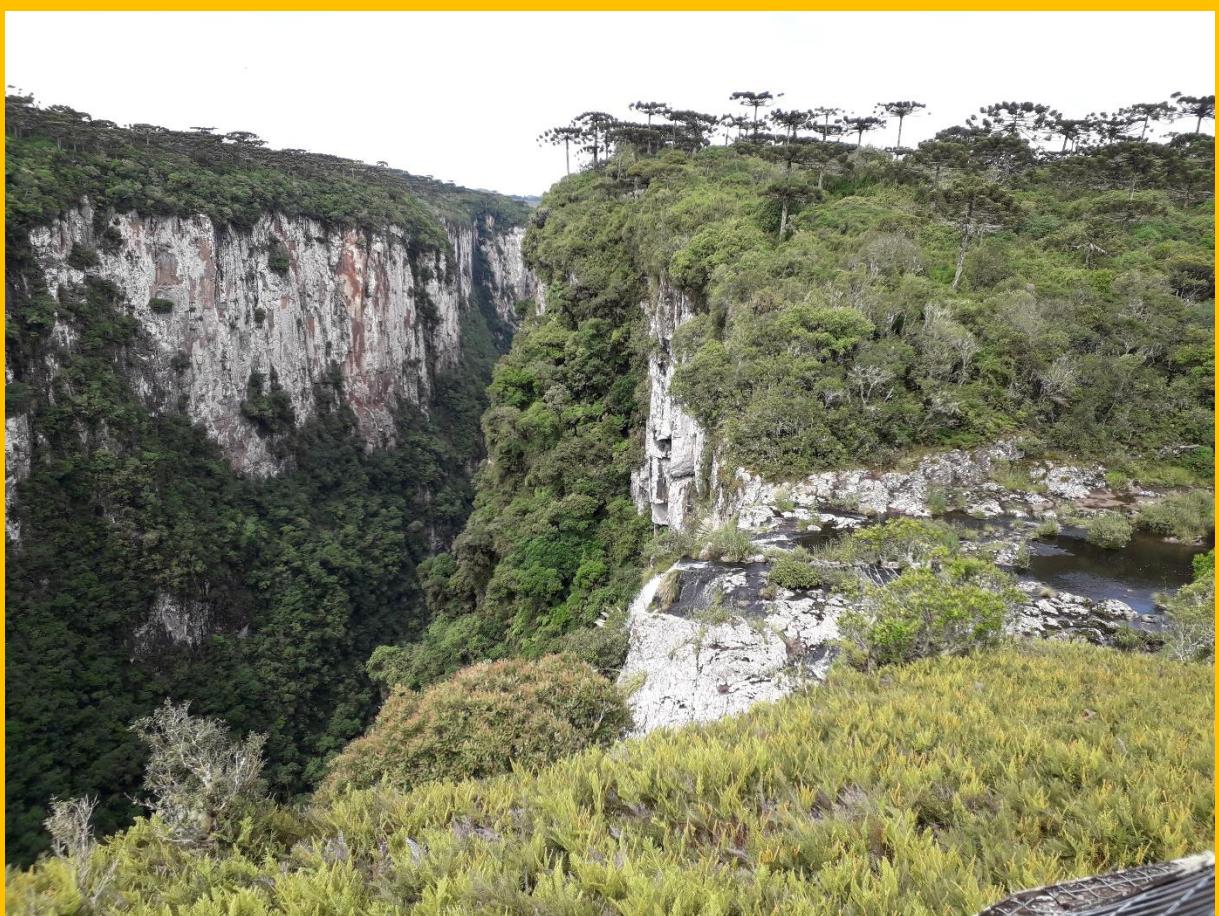


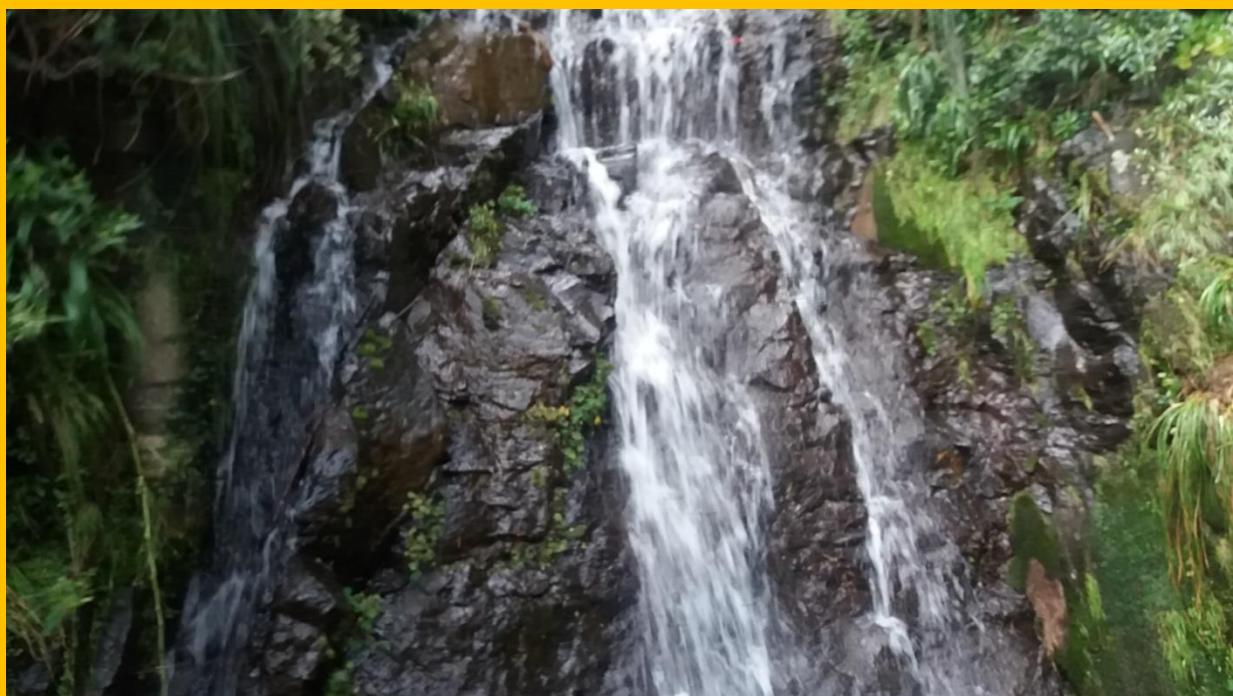
As duas fotos panorâmicas acima foram feitas pelo Otto que curte explorar os recursos da máquina fotográfica, que ganhou no Natal de 2017 e que se encontra abaixo foi retirada do site do parque.



O parque é lindíssimo a outro, o Parque Nacional da Serra Grande, e a grande área composta pelos dois ocupa parte do território catarinense e parte do gaúcho, compondo uma imensa mancha verde que recobre e protege um relevo muito peculiar num país em que as grandes cadeias montanhosas não fazem parte de nossas paisagens.

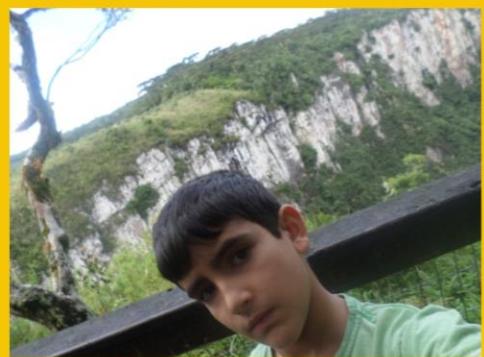






Fonte desta foto: <http://fuiacampar.com.br/parque-nacional-aparados-da-serra/>

Otto se interessava tanto pelas grandes vistas que, pela extensão, remetem à pequenez dos seres humanos, como pelos minúsculos bichinhos que ia encontrando pelo caminho. Na onda contemporânea do *selfies*, não perdeu a oportunidade de fazer os seus. Além disso, em cada mirante, passava sua máquina fotográfica a um dos avós para que o registrasse, sempre fazendo o sinal de positivo...





Por outro lado, a mim, parecia que o parque não tocava o Theo. Ele olhava, de vez em quando para os grandes vales, sem demonstrar grande interesse, mas estava preocupado em deixar bem claro que não concordou com a decisão de que só estava autorizado a alguma guloseima, ao final do passeio.

Resolveu ele fazer, então, sua performance “estou de mal com vocês”, que iniciou com a frase: “Não quero mais andar perto de você, vó!” . Imagino que ele supunha que me atingiria de cheio, já que eu falei mais de dez vezes que os dois não poderiam se afastar dos avós e, nos pontos mais próximos dos vales, teriam que ficar de mãos dadas conosco.

Fiz de conta que não percebi a estratégia e deixei ele ficar para trás numa das partes do trajeto e me pus a registrar fotograficamente seu estilo “estou andando muito bravo”. Ao final de um bom trecho, parei para aguardar que ele se aproximasse numa tentativa de fazer as pazes e dizer que eu, ao contrário, queria andar perto dele. Mesmo sem dar o braço a torcer, ele demonstrou, com o rabo dos olhos, certo alívio, porque depois de 15 ou 20 minutos o irmão e o avô já estavam lá adiante e isso poderia significar que eles estavam fazendo alguma coisa legal que Theo estava perdendo.

Pensou por uns segundos, olhou bem para mim e resolveu estabelecer condições, que retribui com um baita sorriso, e ele faou: “Eu fico de bem com você, desde que me dê um beijo”, assim que viu minha expressão, completou com o aviso: ”mas, eu não vou te beijar, ouviu?” Esse é o estilo Theo de ser: ceder ele cede, mas não perde a peleja nunca. Sabe a Mônica? Mais ou menos assim.

Fizemos as pazes e ele saiu correndo atrás do avô e do irmão, para encontrá-los, adiante, num dos mirantes mais legais do parque.

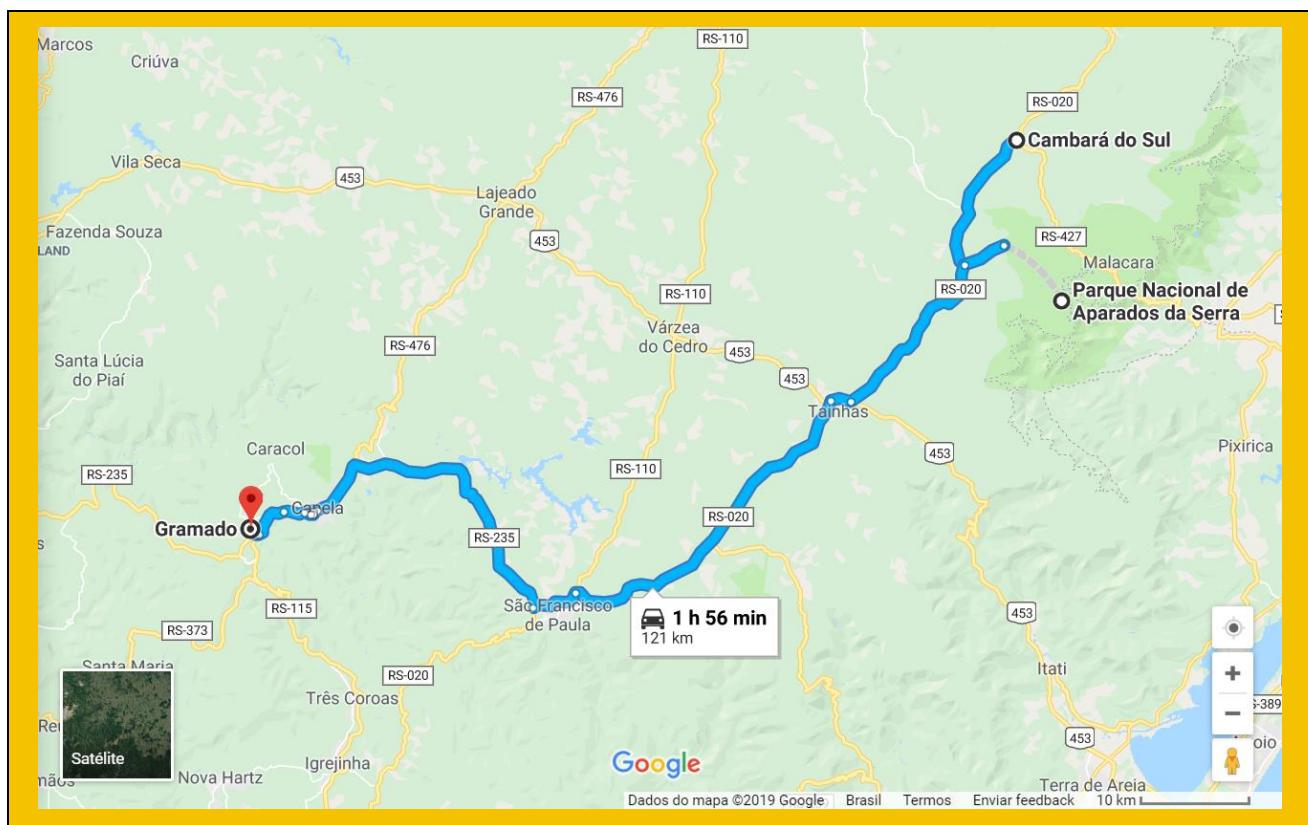




Pela estrada, voltando a Cambará do Sul, paramos para um delicioso pastel frito na hora, acompanhado de suco de uva, numa parada muito bonitinha – uma agradável casa de madeira, bem decorada à moda da serra gaúcha, em que os pastéis eram fritos na hora. Muito bons, mas um pouco caros...

Retornamos ao motorhome e completamos nosso terceiro dia de viagem fazendo o percurso entre Cambará do Sul e Gramado. Embora fossem 120 e poucos quilômetros e o Google Maps tenha dado previsão de cerca de duas horas, levamos mais de três, tanto porque as curvas acentuadas exigiam para o veículo grande diminuição acentuada da velocidade, como pelo fato de que o asfalto estava péssimo.

Chegamos em Gramado por volta de 17 h e uma chuvinha fina caia, dando à paisagem um ar invernal, mas essa já é outra parte da história.



Carminha Beltrão

Janeiro de 2019